



<b>Evento</b>	Salão UFRGS 2022: SIC - XXXIV SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
<b>Ano</b>	2022
<b>Local</b>	Campus Centro - UFRGS
<b>Título</b>	Uso da imagem termográfica para avaliação do tratamento das otites externas em cães
<b>Autor</b>	BRENDA NETTO RODRIGUES
<b>Orientador</b>	DANIEL GUIMARÃES GERARDI

A otite externa (OE) é uma das doenças mais frequentes em cães e a realização de exames complementares é de extrema importância para o acompanhamento da resposta terapêutica desta enfermidade, sendo a otoscopia e a citologia do conduto os exames de primeira escolha. Em busca de um método mais acessível, objetivo e menos invasivo, este estudo teve como objetivo verificar a viabilidade do uso da imagem termográfica como ferramenta para avaliação do tratamento da OE. Foram analisadas 48 orelhas de 25 cães incluídos no estudo após serem submetidos aos exames clínico, citológico do conduto auditivo e otoscópico. Ao exame otoscópico, os condutos auditivos foram avaliados de acordo com o Índice de Pontuação de Otite (OTIS3). Os pacientes tiveram suas orelhas fotografadas por câmera termográfica na região da face côncava do pavilhão auricular e do poro acústico no dia da inclusão e após o término da instituição da terapia, quando a pontuação do OTIS3 atingiu valor total  $\leq 3$ . Observou-se diferença significativa na temperatura média da face côncava do pavilhão auricular quando comparada com a temperatura antes de iniciar o tratamento ( $p < 0,001$ ). Ao avaliar os valores individualmente nas 48 orelhas, verificou-se que no poro acústico houve redução em 27, aumento em 16 e cinco permaneceram sem alteração. Na face côncava do pavilhão auricular, 36 reduziram as temperaturas médias, 10 aumentaram a temperatura e duas permaneceram sem alteração. Quando classificadas pelo tempo de evolução, houve redução dos valores médios das temperaturas médias do poro acústico e face côncava do pavilhão auricular, porém, só as otites crônicas apresentaram significância estatística. As médias dos deltas das temperaturas mostraram que na face côncava do pavilhão auricular dos casos crônicos houve maior amplitude de variação entre as temperaturas antes e após o tratamento. Não houve correlação entre as reduções de temperatura e o OTIS3.